

O Festival de Folclore de Nova Petrópolis e o Grupo de Danças Folclóricas

Böhmerland: construindo memórias

Luciane Roseli Schommer¹
Liliane Stanisçuaski Guterres²

Resumo: O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis constrói-se como atrativo turístico a partir do projeto de preservação da memória local de ascendência germânica, enaltecendo as manifestações folclóricas em especial as danças. Neste artigo busca-se apresentar alguns aspectos relativos ao processo de construção da memória social deste Festival e de um dos grupos folclóricos que dele participa evidenciando as narrativas oficialmente selecionadas, frutos de disputas e conflitos, sobre o que e como lembrar.

Palavras-Chave: Evento Turístico, Memória Social, Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis.

Contextualizando Nova Petrópolis

A cidade de Nova Petrópolis, estabelecida em 1858 como continuação da Colônia de São Leopoldo, foi o ponto mais alto atingido pela imigração alemã no Rio Grande do Sul, com uma altitude de 600 metros. O povoamento da nova colônia seguiu com três significativas levas de imigrantes em 1860, 1872 e 1880, de origens distintas da Europa – Boêmia, Holanda, Hamburgo e Dinamarca, Polônia, Rússia³. A nova província se constituiu como uma Colônia Oficial criada pelo governo com objetivos imediatos no campo econômico. SCHMITZ (1998) descreve que o desejo do Império era de povoadores de índole mais sedentária que os gaúchos, visando a produção de gêneros agrícolas para o mercado interno e a ocupação de espaços vazios de população em áreas que não interessavam a pecuária, segundo relato de PAZ (1998).

O espírito associativo é um traço presente nesta cultura germânica, segundo Telles apud Paz (1998), é uma “velha mania”, trazida da Alemanha, de formar “*Vereine*” (sociedades). PAZ (1998) cita que em 1924 existiam cerca de 230 sociedades espalhadas pelas colônias e cidades do Rio Grande do Sul, salientando que as igrejas, escolas e sociedades contribuíram para integrar, reunir e assim reconstruir o mundo cultural dos teuto-brasileiros⁴. O município tem incentivado e servido de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: lucianeschommer@gmail.com

² Doutora. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: lsguterr@ucs.br

³ Entre as causas políticas, na Europa, que motivaram a emigração alemã, com início em 1824, destacam-se as guerras napoleônicas, a explosão demográfica e o processo de industrialização. O período de 1816 e 1817, foi marcado por uma depressão econômica aguda e com escassez de alimentos que culmina na grande fome da Europa Central.

⁴ Entre as iniciativas de caráter associativo, merece destaque a fundação da primeira cooperativa de crédito da América Latina em 28 de dezembro de 1902 na comunidade de Linha Imperial! Esta cooperativa denominada atualmente como SICREDI PIONEIRA funciona ininterruptamente há 109 anos, abrange dezoito municípios na região, conta com 67 mil associados entre os quais seis mil e duzentos do município de Nova Petrópolis, segundo dados do Perfil Sócio Econômico de Nova Petrópolis 2011. A fundação desta cooperativa deve-se ao Padre Theodor Amstad.

modelo para várias iniciativas similares na área do associativismo e cooperativismo. Nova Petrópolis recebeu o título de Capital Nacional do Cooperativismo após a lei nº 12.205, em 19 de janeiro de 2009.

O município de Nova Petrópolis - atualmente com 57 anos de emancipação e 154 de povoamento -, está localizada na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, distante 80 km da capital Porto Alegre. Localiza-se na Região Turística da Serra Gaúcha e segundo o Plano de Regionalização do Ministério do Turismo, integra a Microrregião das Hortênsias, juntamente com Gramado, Canela, São Francisco de Paula e Picada Café. A população atual aponta para 19.045 habitantes, O índice de desenvolvimento humano, IDH, de Nova Petrópolis é de 0,847, alcançado a 8ª posição do ranking do Rio Grande do Sul e 41ª no Brasil.

No aspecto turístico, Nova Petrópolis vem se destacando no segmento do turismo étnico cultural pela expressiva manifestação germânica em seus atrativos e sua preocupação com a preservação cultural, que se manifesta nos eventos, nos roteiros turísticos, na gastronomia e artesanato local.

A organização cultural do município é bastante significativa, segundo o Perfil Socioeconômico 2011 existem as seguintes organizações: seis Museus Históricos; sessenta e um corais; quatorze Bandinhas Típicas; nove Bandas de Rock; nove Grupos Instrumentais; oito Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (adultos); dez Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (infantis) e um Grupo de Dança Folclórica Alemã da Melhor Idade; seguem-se um Grupo de Danças Gauchescas; dois Grupos de Artes Marciais; três Grupos de Danças Contemporâneas; dois Grupos de Teatros; uma Banda Municipal; uma Orquestra de Sopros; uma Biblioteca Pública Municipal; outra Biblioteca Comunitária e, um Arquivo Histórico na cidade.

O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis

Segundo o site oficial do Evento, o Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis busca “valorizar as tradições e os costumes herdados dos antepassados, numa mescla das mais variadas manifestações artísticas. Trata-se de um intercâmbio artístico-cultural entre grupos folclóricos” (2012). A realização do Festival é uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis – AGDFANP - com o apoio da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares – IOV.

“*A diversidade é o que nos une*” foi o slogan publicitário utilizado pelo evento que reúne grupos folclóricos locais, nacionais e internacionais em 2012. Neste ano foi comemorada a 40ª edição - ocorrida entre 27 de julho e 12 de agosto, reunindo 69 (sessenta e nove) grupos folclóricos

de 35 (trinta e cinco) diferentes etnias, totalizando 190 (cento e noventa) horas de shows e 80 mil espectadores, durante os 16 dias dos eventos, dados divulgados pela Comissão Organizadora no site do festival.

O Festival apresentou uma programação diária intensa em diversos locais da cidade. O palco principal estava localizado junto à “Rua Coberta” na Praça das Flores, ponto turístico da cidade, localizada na avenida central que corta a cidade e leva à cidade de Gramado, principal destino turístico da Serra Gaúcha. O acesso ao Festival é livre e gratuito e a ênfase principal do evento são as apresentações de danças folclóricas, com a participação de 11 (onze) grupos locais, 25 (vinte e cinco) grupos nacionais e 13 (treze) internacionais convidados. Os grupos convidados vem diversificando-se, as novidades desta edição foram os grupos internacionais da Rússia, Egito e Equador, República Tcheca e França que participaram pela primeira vez. Já o Chile, que participou de edições anteriores, voltou por solicitação do público.

O Festival oferece atividades em locais distintos durante as duas semanas, se intercalam apresentações no palco público junto a “Rua Coberta da Praça das Flores”, nas escolas, nas empresas e nas Noites Culturais realizadas nas comunidades do interior. Na grade de programação percebe-se o cuidado em mesclar grupos internacionais, nacionais e os locais, que se fazem representar com suas diversas categorias, oportunizando momentos de integração e troca entre os grupos folclóricos, moradores e visitantes. A exposição da cultura também está presente através da exposição de artesanato, espaço interativo com brinquedos folclóricos, livros, desfiles, participação de bandinhas típicas alemãs, coros e grupos teatrais. As danças folclóricas, com seu movimento e colorido, dão a tônica principal para as apresentações no Palco do Festival.

Ao longo destes 40 anos, houve perceptíveis mudanças na trajetória do evento relacionados à gestão, datas do evento, local de realização, atratividades e programações culturais, envolvimento com escolas, moradores e empresas da comunidade. Michaelsen (2002), relata os diferentes locais de realização do evento ao longo da sua trajetória. A estrutura do evento também modificou-se, novos grupos surgiram e a festa que inicialmente acontecia em um final de semana, passou a se estender para dois finais de semana e mais recentemente por 15 dias. Para a autora, a preocupação em cultivar tradições germânicas, a alegria das danças folclóricas, o sabor dos pratos típicos, do chopp, as canções dos corais e o som de bandinhas foi o que “*não mudou*” ao longo destes 30 anos de Festival de Folclore.

Foi na 37^a edição (2009) que o evento passou a adotar oficialmente a denominação de *Festival Internacional*. Ao tornar-se internacional, o evento buscou a ampliação da diversidade

cultural em todos os segmentos, salientando para a comunidade a importância e a influência do folclore na vida de todos, segundo publicado no site da prefeitura de Nova Petrópolis (2012).

Os grupos de danças locais e a trajetória do Festival

A organização cultural de Nova Petrópolis, conforme já relatado anteriormente, é expressiva, especialmente em relação aos grupos de danças folclóricas alemãs. A organização dos Grupos de Danças parte, na sua maioria, das comunidades sociais já organizadas, neste caso, as Sociedades Culturais nas localidades de Nova Petrópolis.

Estes grupos estão reunidos na *Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis* – AGDFANP – uma entidade civil criada em 1989, sem fins lucrativos, que visa promover a educação e desenvolver a cultura. Sua diretoria realiza trabalho voluntário e os coordenadores buscam preservar a cultura dos antepassados e transmiti-la às novas gerações. Segundo a Presidente da AGDFANP Ana Karina Reimann, em 2012 integram a Associação sete grupos de danças folclóricas de diferentes localidades do município nas categorias de infantil e adulto. Os grupos que integram a AGDFANP são: (1) *Grupo de Danças Folclóricas Internacional* – representam o centro da cidade, através da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo. Foi fundado em 1970, é um dos primeiro grupos de danças; (2) *Grupo dos Casados da SCRТА* – reúne os sócios casados da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo, foi fundado em 1993. e tem por objetivo manter viva as tradições advindas dos imigrantes alemães, representando diversas regiões da Alemanha e países vizinhos.. (3) *Grupo de Danças Folclóricas Sonneschein de Linha Brasil*, o grupo foi fundado em 1990, tem por objetivo manter viva a tradição e ajudar a escrever a própria história. (4) *Grupo de Danças Folclóricas Círculo da Amizade (Volkstanzgruppe Freundschaftskreis* – da localidade da Vila Olinda, foi fundado em 1992 e tem por objetivo resgatar a herança cultural.(5) *Grupo de Dança Volkstanzgruppe Edelstein da Fazenda Pirajá*, iniciou suas atividades em 1994, o traje do grupo representa a região de Hunsrück, região da maior leva de imigrantes que povoou esta localidade da Fazenda Pirajá. (6) *Grupo de Danças Hochland Volkstanzgruppe (Berghthal)* representam a localidade de São José do Caí e foi fundado em 1995. (7) *Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Böhmerlandtanzgruppe de Linha Imperial* (terra da Boêmia) – representam a localidade da Linha Imperial, fundado em 1987. O nome é uma homenagem a significativa presença de imigrantes boêmios no seu povoamento.

É possível verificar uma relação entre o Festival de Folclore de Nova Petrópolis e os diversos grupos de danças folclóricas organizados no município. O historiador local Renato Urbano Seibt, em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do

Festival do Folclore, relembra o início dos Grupos Folclóricos e do Festival, que se localizava na Praça das Flores.

Começou com as bandinhas que tocavam. Aí quando passava o pessoal que ia pra Gramado ou vinha de Gramado/Canela, paravam e ficavam muito faceiros com as bandinhas e com o chope. Então, aos poucos começou a se pensar que podia também fazer alguma apresentação. Começaram a fazer o tablado de dança, as casinhas (venda de produtos coloniais e malhas) (.....) Então os grupos folclóricos começaram a surgir: Linha Brasil, Pinhal Alto, aqui na sede também tinha um e começaram a se apresentar. (depoimento Renato Urbano Seibt – site Festival Folclore 2012)

O historiador Seibt relembra também que a participação dos grupos folclóricos de outros lugares agradava muito aos visitantes, este grande interesse despertou a idéia de organizar em Nova Petrópolis um Festival de Folclore. Sobre os primeiros Grupos de Danças e os primeiros ensaios, a Senhora Irmgard Schuch, lembra sobre os primeiros ensaios do Grupo de Danças Folclóricas Internacional em 1973.

(...) só que aí tivemos que remontar tudo, porque eu não tinha nada de danças folclóricas. Aí um aluno, dos jovens, tinha uma fita, outro tinha outra fita, não sei como é que eles gravaram, e aí a gente procurou remontar as danças. Um se lembrava de um passo e o outro dizia “não é bem assim”! Daí eu fui aprendendo com eles, inclusive eu tomava nota dos passos. Claro, eu não tinha uma coreografia correta, não sou professora de educação física nem coisa nenhuma. Eu escrevia à minha moda, tal passo assim (...) a gente foi remontando e daí o grupo renasceu (depoimento Sr. Irmgard Schuch – site Festival Internacional do Folclore)

Adélia Hillebrand, fundadora e coordenadora do *Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Böhmerland*, da localidade de Linha Imperial, por 17(dezessete) anos, comenta o envolvimento e significado do Festival de Folclore para os integrantes deste grupo:

O ponto alto do nosso folclore é o Festival, tem toda uma energia envolvida nesse evento, uma ansiedade... Em nenhum lugar rola tanta ansiedade pela apresentação quanto durante o Festival daqui. Ali é apresentado o resultado de um ano inteiro de trabalho. Sempre o Festival foi o ponto de maior adrenalina (em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore)

Para Ana Carina Reimann, Presidente da Associação dos Grupos de Danças Alemãs e atual Coordenadora do *Böhmerlandtanzgruppe*, “o Festival é uma oportunidade, uma vitrine, pois lembra que foi a partir das apresentações que surgiram diversos convites para dançar fora do município. Por isso, acredita que o Festival seguirá sendo a principal apresentação do ano para o seu grupo. Reimann destaca que o evento é também um espaço de aprendizado :

Eu considero o festival como sendo uma escola. Mas aproveita quem realmente quer. Pra alguns é só uma apresentação de um grupo, mas pra outros, tu aprende mais sobre a cultura deles, sobre as roupas (...) Então pra mim, eu vejo, uma escola ao ar livre. Mas tu tem que saber aproveitar, porque não é todo mundo que vai ter a sensibilidade de perceber isso e de querer aprender e não só assistir porque é bonito. (em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore)

O Grupo Folclórico Böhmerlandtanzgruppe– Linha Imperial

O universo de pesquisa deste artigo é o *Grupo Böhmerlandtanzgruppe* - Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Böhmerland* (terra da Boêmia). Ele integra a Sociedade Concórdia na localidade de Linha Imperial, distante sete (7) quilômetros do centro da cidade. O nome do grupo “foi definido como homenagem aos imigrantes que povoaram a comunidade, entre os vários grupos de alemães foram os Boêmios que deixaram a sua marca e legaram às suas gerações algo que poderia ser chamado da alma desta localidade” (Hillebrand et al, 1997).⁵

Os grupos de danças em Nova Petrópolis, estão organizados a partir das Sociedades das suas localidades. Na Sociedade Concórdia da Linha Imperial, este Grupo de Danças representa um departamento da entidade e o critério para integrar o grupo é que o participante seja sócio da Sociedade. Existe uma Coordenação do Grupo, que é definida coletivamente pelos integrantes. Atualmente o *Böhmerlandtanzgruppe*, completou 25 anos de atividades, conta com cerca de cinquenta (50) dançarinos nas categorias mirim, infantil e adulto e sua Coordenadora é Ana Carina Reimann há mais de quinze (15) anos.

A primeira apresentação, após um ano de ensaios, foi em 19 de julho de 1987, no Pavilhão da Igreja da Linha Imperial. No “semblante dos pais notava-se o orgulho de ver os filhos apresentando ao público, algo diferente” (Hillebrand et al, 1997). O primeiro ano de atividades o Grupo de Danças encerrou com nove apresentações realizadas.

No ano seguinte, 1988, a Rainha do Folclore Alemão de Nova Petrópolis eleita foi Márcia Hillebrand, uma integrante do *Grupo Böhmerland*, que possibilitou ao Grupo maiores oportunidades. Segundo Adélia o trabalho aprimorava-se no palco, o ano encerrou com 20 apresentações das quais sete (7) em outras cidades e contava com o ingresso de novos integrantes, totalizando vinte e um (21) dançarinos. Os anos que se sucederam foram de crescimento e de muitas apresentações em diversos estados e viagens internacionais.

Para a Coordenadora Hillebrand, os desafios para estes jovens era maior:

Desde o início a gente já se deu conta de que não importava só o aplauso que esses adolescentes ganhavam no palco, eles precisavam de algo mais profundo e que desse mais emoção. Porque pra um adolescente é importante ser aplaudido, mas não dura, então, decidimos começar um resgate histórico. (Adélia Hillebrand em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore)

⁵ Cartilha Böhmerlandtanzbruppe – 10 Anos - , sem ficha catalográfica – Equipe de Trabalho:Adélia Hillebrand, Márcia Hillebrand, Sandro Hillebrand, Eduardo Neumann, Luciane Raimann e Paulo Cesar Soares – Linha Imperial – 1997 – sem paginação.

Remexendo nos baús: reflexões sobre memória, tradição e folclore

A decisão do *Grupo Böhmerland* em realizar um “resgate histórico” remete à discussão do processo de construção da memória social de um grupo. Compreender o significado e a abrangência da memória tem motivado diversas pesquisas e reflexões acadêmicas, apesar das diferentes abordagens, convergem para a concepção de que a memória é um processo e, portanto, está em constante construção e transformação.

A memória, tratada sob diversos olhares como o da sociologia, psicologia, filosofia, antropologia, história, neurologia entre outros, não pertence a um único campo do saber, por esta razão torna-se uma área de conhecimento transdisciplinar, polissêmica e transversal. Autores como Gondar (2005) e Sá (2005) partilham da visão da memória como processo em construção e nortearam a construção deste artigo. Gondar (2005) compreende que o conceito de memória social não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Afirma tratar-se de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. Sá (2005), complementa que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas e sim uma construção, que se faz a partir de diferentes visões. É um processo entre esquecimento e lembranças. Para Halbwachs (1990) a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e com reconstruções feitas em épocas anteriores.

A memória enquanto fenômeno processual desencadeia quatro proposições segundo Gondar (2005): a memória social é transdisciplinar, o conceito é ético e político; sua construção é processual e a memória não se reduz a representação.

A primeira proposição - o entendimento da memória social como transdisciplinar - permite uma leitura de que este objeto de pesquisa não pertence a nenhuma disciplina e, portanto, nenhuma disciplina goza do privilégio de a conceituar. Gondar reforça a ideia de um campo em que várias disciplinas dialogam, mas cada uma em um território próprio, temos então a memória social como um campo *trans*-disciplinar. Isto significa que a pretensão não é manter as diferenças mas sim propor um diálogo, um questionamento contínuo propondo novos discursos e novas práticas de pesquisa.

A segunda proposição - o conceito de memória social é ético e político – dá conta de que a memória é produzida, é feita pela escolha de uma classe ou de um grupo e possui intencionalidade direta ou indireta de evidenciar alguns fatos e relativizar outros. Segundo a autora, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual fora a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente.

A terceira proposição - a memória é uma construção processual - nos conduz a reconstruir o passado, porém uma reconstrução que nós fazemos, que diz mais de nós mesmos, da nossa perspectiva presente e do frescor dos acontecimentos passados. Esta é uma discussão contemporânea, somente na história do pensamento recente que os homens admitiram que a memória é algo que eles mesmos constroem a partir das suas relações pessoais.

A quarta proposição - a memória não se reduz à representação – parte do entendimento que a memória não se limita apenas a arquivos representativos de um povo, de acontecimentos, de uma cultura mas sim propõe percebê-la como parte integrante da esfera social que é “viva, pulsante e em constante mudança”. Diante de tudo que esta memória abrange, a representação dela é apenas um fragmento, é tão ampla a conceituação da memória que não podemos, segundo Gondar, deixar de lembrar que dela fazem parte a invenção e a criação do novo, pois o seu conceito é rico justamente por abarcar a mudança e a vivacidade.

A fundadora e coordenadora Adélia Hillebrand, lembra que o grupo surgiu para dar alguma forma de “lazer para os jovens”. Coincidentemente, naquela época, chegou o professor Benno em Nova Petrópolis, contratado pela Prefeitura, trazendo a idéia de fazer um grupo de danças.

Lembro que começamos em 1986, fomos o terceiro grupo do município, os jovens eram uns pernas de pau, pensei que nunca iríamos nos apresentar, levamos um ano de ensaio até a primeira apresentação. (depoimento Sra. Adélia Hillebrand – site Festival Internacional do Folclore)

No início foram sete meninos e nove meninas que aceitaram o convite, as aulas de danças aconteciam nas quartas-feiras à noite ministradas pelo Professor Benno sob os olhos da Diretora Social Adélia. Para Hillebrand et al, (1997), buscava-se, nas “*próprias raízes*”, uma maneira de proporcionar opções de lazer aos jovens.

Para Paulo Cesar Soares, responsável pelo Setor de Pesquisa do Grupo de Danças, o que diferencia o *Böhmerland* dos outros grupos, não são as danças e sim o “compromisso” assumido com a comunidade de resgatar os valores, através da dança e representação histórica como no Projeto *Geschicthe von Linha Imperial* – Histórias da Linha Imperial- (Hillebrand et al,1997). Este trabalho foi realizado no período de 1990 e 1996, quando surgiram as “primeiras sementes” para o resgate da própria história.

As lembranças e recordações, portanto, se constroem socialmente, implicando uma relação de disputa, de poder, sobre o que lembrar e o que esquecer. Maurice Halbwachs, no período entre 1941 e 1944, antes de sua deportação e morte no campo de concentração de *Buchenwald* em 1945 escreveu que

Memória Coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade e sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados com dados e feitos, independentes destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. (Silva apud Halbwachs 2009, p. 4)

No Festival do Folclore de julho de 1993, no Parque Aldeia do Imigrante em Nova Petrópolis, foi a estréia do primeiro *potpouri - Der Einwanderer* - (o imigrante). Paulo relata que foram quase dois anos “desenterrando livros, fazendo pesquisas”, entrevistas permeadas de muita emoção com objetivo de registrar fatos antigos e velhas lembranças. Para Paulo que estreou o espetáculo chamado de *poutpouris*, formadas por apresentação de dança, canto e música, não deve ser considerada uma apresentação folclórica, uma vez que “suas encenações são muito recentes”. “O valor para nós, da Linha Imperial, é muito maior pois foi através deste trabalho que moradores e integrantes do grupo pudemos conhecer algo mais sobre nossa história” (Hillebrand et al - 1997).

Vecchia (2011) traz uma reflexão pertinente indicando que a memória social ou coletiva não se confunde com a memória histórica, pois a história resulta de uma construção cristalizada por um grupo estabelecido para defender-se contra a permanente erosão da mudança. Se em princípio a memória parece ser um fenômeno individual, convém ressaltar mais uma vez que nossas lembranças são coletivas. As pessoas não precisam estar presentes, mesmo o indivíduo sozinho, em pensamento, se desloca de um grupo para outro amarrando a memória da pessoa à memória do grupo e a do grupo à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Ainda assim o conceito de memória coletiva ou social tem sido tratado pelas diversas abordagens teóricas no campo das ciências sociais de forma contraditória, segundo Santos apud Vecchia (2011). Talvez um dos fatores para a falta de precisão teórica se deva ao fato da memória estar em cada passo realizado, nas idéias pensadas, nas ações realizadas, ela está presente em tudo e em todos. Na condição de seres humanos todos temos cota de interesse na troca de conhecimentos entre as ciências para dar conta de compreender a pós- modernidade das sociedades complexas nas quais estamos imersos, reflete Morin apud Vecchia (2011).

A preocupação do Grupo com o resgate e valores culturais da comunidade levou o *Böhmerland* a organizar um projeto audacioso, um evento chamado Relembrando Linha Imperial, em maio de 1994.

Esse evento desencadeou um processo muito interessante, pois os dançarinos sentaram e conversaram com os pais e os avós. Já naquela época não se tinha muito tempo pra conversar entre si e com isso foram abertos os baús, gavetas e sótãos, onde tudo foi vasculhado e peças e histórias interessantes foram encontradas. (Adélia Hillebrand em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore)

O evento, Relembrando Linha Imperial, idealizado por Paulo Cesar Soares, integrante do Grupo, é considerado um grande marco na vida do *Böhmerlantanzgruppe* não apenas pela importância cultural mas também sentimental junto à comunidade e ao município. O evento reuniu as expressões culturais da Linha Imperial com apresentação do Coral Misto São Lourenço, da igreja católica local, e o Coral da Sociedade Concórdia. Na parte religiosa houve a celebração de uma missa na língua alemã. O Museu foi montado com mais de duas mil peças, com objetos, fotografias e documentos históricos, com peças cedidas pelas próprias famílias da comunidade - que contaram a história da localidade. Consta que mais de três mil pessoas prestigiaram o evento. (Hillebrand et al, 1997, sp).

Passados dois anos, em abril de 1996, foi realizado o *II Relembrando Linha Imperial*. Para Paulo Soares, o reconhecimento da Associação Internacional de Sudetos Alemães ⁶ como sendo a *XIV Sudetenfest Internacional (Festa dos Sudetos Alemães)* foi como um “coroamento” para o Projeto Relembrando Linha Imperial. Nesta edição, contou com a participação de representantes da Argentina, da Alemanha e do Estado de Santa Catarina. Soares destaca que este projeto é uma grande volta ao passado e às raízes da Boêmia – atual República Tcheca -. Pondera que “talvez a maior repercussão deste projeto tenha sido a utilização de danças para contar nossa história, sendo realizadas alterações coreográficas para manter um enfoque mais histórico que folclórico.”(Hillebrand et al, 1997 sp)

Para Halbwachs (1990), há tantas memórias quantos grupos existem, pois toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Sob esta perspectiva, o ser humano ao constituir novos grupos ao longo da vida, criando novos amigos, constituindo família, renova os grupos do qual participa. Para o autor, mesmo naqueles grupos já estabelecidos, como a família, ocorre processos de mudança com os nascimentos, mortes, casamentos e desta forma a construção e transformação constante ao longo da vida.

É nesta esta relação entre lembranças e esquecimentos que ocorre a construção da memória em grupo. Halbwachs (1990) diz que cada grupo tem uma história, pois o grupo no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. Ele entende a memória como “quadros sociais da memória”, ou seja, a memória individual existe, mas situa-se na encruzilhada das malhas de relações múltiplas nas quais o homem está engajado, não escapando da trama da existência social atual. Halbwachs apud Vecchia (2011) acreditava na anterioridade e na determinação de idéias sustentadas coletivamente

⁶ Sudetos Alemães – refere-se aos descendentes de alemães que migraram para o sul do Império Austro Hungaro, atual República Tcheca.

sobre pensamentos e atitudes individuais. Para ele, se lembramos é porque os outros, a situação presente nos provoca e traz as lembranças. Na maior parte do tempo lembrar não é rever, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje a experiência do passado, porque nossa percepção se altera conforme o passar do tempo e com ela nossas idéias, juízos de realidade e de valor. Halbwachs (1990) se refere ao tempo lembrado, não como a permanência do passado, mas como viver o presente a partir dos valores resignificados.

Entre as várias viagens internacionais do Grupo, em 1998, o *Böhmeland* foi pela primeira vez para a Alemanha e para a República Tcheca. Adélia Hillebrand relata que participaram de um Festival em *Nürnberg* em uma festa muito grande de encontro às raízes:

Fomos conhecer onde nasceram nossos avós e bisavós, visitando de forma extra oficial essas aldeias, foi muito rápido, mas foi uma emoção muito forte encontrar os túmulos dos parentes que ficaram...é a certeza de que é dali que vieram os nossos antepassados e o lugar onde nasceu nossa família. (Adélia Hillebrand em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore)

Os contatos com a República Tcheca seguiram e em 2008, a viagem foi realizada de forma oficial, quando houve contato com o Parlamento Tcheco e a solicitação da dupla cidadania, relata Hillebrand.

A discussão a cerca da memória é um processo emergente de um passado muito próximo, especialmente nas sociedades ocidentais. Este movimento surge aproximadamente na década de 60, através do resgate de memória do Holocausto. Um espaço nunca ocupado com tamanha avidez, que remete para uma reflexão entre tempo e espaço, passado e futuro. Huyssen (2000) conceitua este fenômeno como a globalização da memória. Apresenta-se como um paradoxo da globalização, de um lado serve como uma explicação para humanidade - evidenciando a inabilidade do povo ocidental de viver em paz e aceitar as diferenças e alteridades -, bem como para evidenciar a falência do projeto iluminista. Por outro lado, a dimensão totalizante deste período, permite a compreensão de situações locais específicas, remetendo inclusive para remexer em memórias de outros genocídios que ocorreram mas que não está resgatado ou registrado como uma memória coletiva. Este movimento segue em forma de onda, ampliando sua abrangência, passando da preservação para tornar-se uma tendência de moda. Na década de 70, pode-se observar a restauração dos velhos centros urbanos, empreendimentos patrimoniais e a onda de uma nova arquitetura de museus, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Este período é chamado por Huyssen (2000) como “boom da moda retrô e dos utensílios reprô”, quando há a comercialização em massa desta nostalgia, gerando a indústria da memória. A obsessiva automusealização se

estendeu também para as artes visuais, televisão e literatura. Este cenário de crescimento em torno desta cultura da memória, gerou uma comercialização crescente e bem sucedida da memória pela indústria cultural. Para este autor não há dúvida que o mundo está sendo musealizado e, complementa, ponderando, que todos nós representamos os nossos papéis neste processo.

A relação estabelecida entre memória, lembrança e identidade nos remete a questionamentos: por que lembramos de algumas coisas e esquecemos de outras? A construção das memórias são resultado de processos externos ao sujeito? A quem interessa a construção de uma identidade coletiva, de grupo ou comunidade? Qual a identidade a ser construída?

Segundo LEITE (2011), a memória inscreve as lembranças contra o esquecimento e cria sentimentos de pertencimento e identidade para que as futuras gerações tomem conhecimento dos acontecimentos e tenham uma definição do que os diferencia dos outros grupos. A memória é um fenômeno construído, que pode ser tanto consciente quanto inconsciente. O trabalho de organização desta memória, segundo POLLAK (1992), é quando ocorre o processo na memória individual de gravar, recalcar, excluir, relembrar. A memória é um fenômeno construído social e individualmente, porém quando falamos de uma memória herdada, podemos dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e sentimento de identidade. A memória é seletiva, nem tudo fica gravado, fazemos escolhas, quando lembramos de algumas coisas, esquecemos outras. Lembrar é, assim, “um trabalho” de reordenações de experiências vividas no tempo.

Por que esta obsessão pela memória e pelo passado e por que este medo do esquecimento? Por que estamos construindo museus como se não houvesse o amanhã? Estamos vivendo um tempo de comercialização da memória, capitaneada especialmente pela mídia e os meios de difusão da informação. Segundo Huyssen (2000), quando mais nos pedem para lembrar e para não cair no esquecimento, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer. Assim um dos aspectos levados em consideração no estudo da memória é o esquecimento, pois de acordo com Izquierdo apud Vecchia (2011), o ser humano esquece a maioria das informações que adquire.

Não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias, a mídia como veículo para difundir as várias formas de memórias. Vale sempre lembrar o instigante questionamento: quais as razões que motivaram esta retomada das memórias, a exemplo do Holocausto, somente em pleno Século XX? Este cenário nos aponta para refletir sobre a mercantilização desta memória, que passa a ser usada na sua espetacularização como em filmes, museus, sites, livros, história em quadrinhos, músicas e, o que especialmente interessa, nos atrativos turísticos. O passado está vendendo mais que o futuro, basta analisar a tendência da

onda retrô nos mobiliários, modelagem das roupas que se inspiram em décadas passadas, a decoração como réplicas de peças antigas.

A compreensão de que a memória é um fenômeno processual, em construção, não significa excluir as representações coletivas, mas efetivamente incluir a invenção é a produção do novo. Segundo Leite (2011), não haveria memória sem criação, seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa, perderíamos a riqueza do conceito.

Considerações Finais

O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis constrói-se como atrativo turístico a partir do projeto de preservação da memória local de ascendência germânica, enaltecendo as manifestações folclóricas em especial as danças. Se por um lado este projeto está calcado sobre a memória coletiva desta comunidade, sobre as experiências vividas e reconstruídas como atrativo turístico, é bem verdade que é o próprio Festival que constrói e ressignifica a memória coletiva e social do grupo. Nas falas dos organizadores e participantes do evento, aparece claramente que é após a criação do Festival que os grupos folclóricos se formam e buscam reconstruir sua memória coletiva e social. Este projeto está ligado a mercantilização desta memória, que passa a ser construída e utilizada espetacularmente a partir deste evento. Esta prática está exemplificada no *Grupo Böhmerlantanzgruppe*, quando realiza o projeto de resgate histórico na Linha Imperial e transforma em espetáculo para o Festival do Folclore. Para tal, apresenta-se a memória social desta comunidade, oficialmente selecionada, fruto de disputas e conflitos, sobre o que e como lembrar.

Para pensar a cidade de Nova Petrópolis e o processo de construção do Festival Internacional do Folclore, interessa perceber as tradições reinventados pelos sujeitos envolvidos neste evento, entendendo que há um jogo entre memória social, oficial e memória coletiva, conceito ligado às instâncias do vivido, às intencionalidades dos sujeitos-atores neste processo memorável, seus valores, práticas e representações sobre esta construção do que lembrar. Sem deixar de buscar a memória social do evento e da cidade, no sentido de capturar as lembranças “oficiais” e legitimadas pelo grupo mais amplo, interessa compreender o Festival Internacional de Folclore a partir da memória coletiva “viva, pulsante e em constante mudança” – como nos alerta Gondar (2005, p. 24) – daqueles que participaram e participam do evento.

Referências

ACINP - Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis (2011). *Perfil Socioeconômico de Nova Petrópolis 2011*. Nova Petrópolis: Padre Amstad.

- DEPPE, Gessy (coord.). (1988). *Contribuição para a história de Nova Petrópolis- depoimentos*. Caxias do Sul: EDUCS.
- FESTIVAL de Folclore (2011). *Dados sobre o festival, 2011*. Disponível em: <http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet.php&id=9996&sel=8>. Acessado 08/03/2012.
- FESTIVAL de Folclore (2012). *Dados sobre o festival, 2012*. Disponível em: <http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet&id=10648&sel=8> acessado dia 13/08/2012
- HALBWACHS, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HILLEBRAND et al *Böhmerlandtanzgruppe Linha Imperial – 10 Anos Nova Petrópolis - RS*
- HUYSSSEN, Andreas. (2000). *Monumentos, mídia*. Tradução de Sergio Alcides. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- LE GOFF, Jaques. (1994). *História e Memória*. Campinas: Unicamp.
- LEITE, Edson. (2011). *Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil*. São Paulo: Intercom.
- MICHAELSEN, Yedda Leão(org) (2002). *Festival do Folclore de Nova Petrópolis -30 Anos de História*. Nova Petrópolis: AGDFA NP.
- PAZ, Nör Ivoni. (1998). *Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937)*. Caxias do Sul: EDUCS.
- PICOLLO, Helga Iracema Landgraf. (1989) *Contribuição para a história de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia*. Caxias do Sul: EDUCS.
- POLLAK, Michael. (1992). “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p.200-212. http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acessado 09/02/2012.
- SÁ, Celso Pereira. (2005). *Memória, Imaginário e Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República.
- SCHMITZ, Arsênio José, Pe. [s.d.]. *Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação*.
- SILVA Claudinei Fernandes Paulino. (2009). “A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoiévski : Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura”. In: *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas: 6ª Edição, v.5 - nº2.
- VECCHIA, Maria José Souza Gerlack. (2012) “A importância do conceito de memória coletiva ou social na visão das ciências sociais”. *Revista Tavola Online*, julho 04, 2011. <http://nucleotavola.com.br/revista/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/a-importancia-do-conceito-de-memoria-coletiva-ou-social-na-visao-das-ciencias-sociais.pdf>. Acessado 09/02/2012.